30 ANOS DA ALAB: DESAFIOS, RUPTURAS E POSSIBILIDADES DE PESQUISA EM LINGUÍSTICA APLICADA [ENTREVISTA COM MARILDA DO COUTO CAVALCANTI]

ALAB'S 30TH BIRTHDAY: CHALLENGES, RUPTURES AND RESEARCH POSSIBILITIES IN APPLIED LINGUISTICS [INTERVIEW WITH MARILDA DO COUTO CAVALCANTI]

Thayse Figueira Guimarães (UFGD)[1]
[Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0379-1405]
Paula Tatianne Carréra Szundy (UFRJ)[2]
[Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8465-1406]
DOI: https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.13241

Marilda do Couto Cavalcanti é professora titular da Universidade Estadual de Campinas, ora professora aposentada colaboradora voluntária na mesma instituição. É pesquisadora CNPq. Graduada em Letras Anglo-Portuguesas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), tem mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em Linguística Aplicada pela University of Lancaster. É sócia fundadora e associada honorária da ALAB. Presidiu a primeira gestão da Associação, com sede na UNICAMP-PUCSP, no biênio 1990-1992. Foi também vice-presidente da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) (2003-2009). Com formação na área de Linguística Aplicada, desenvolve pesquisa etnográfica em contextos de minorias e de maiorias minoritarizadas em cenários sociolinguisticamente e culturalmente complexos. Nesses cenários, seu interesse, baseado em reflexões metateóricas e metametodológicas, está nos seguintes temas: letramentos, identidades, diversidade/diferença, formação de professores, racialização/xenofobia/migração recente. E-Mail: marilda.cavalcanti@gmail.com [Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2381-108X].

Thayse Guimarães (TG) e Paula Szundy (PS): Em 1986, você publicou, em *Trabalhos de Linguística Aplicada*, um dos primeiros textos no Brasil a delinear as diferenças entre o campo da então nascente Linguística Aplicada (LA) e a já estabelecida linguística. No artigo intitulado 'A propósito de linguística aplicada', você propõe que o percurso de pesquisa em LA, situado em recortes multidisciplinares, deveria ser orientado pela prática linguística e social. Essa compreensão foi extremamente

1 Professora Adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Doutora em Linguística Aplicada (Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ). E-mail: thaysefguimaraes@gmail.com

2 Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Linguística Aplicada (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP). E-mail: ptszundy@letras.ufrj.br

relevante na delimitação, entre os anos 80-90, de uma agenda de pesquisa e ação da Linguística Aplicada, rejeitando a ideia de uma área "auxiliar da linguística". De que forma questões delineadas nesse e/ou em outros textos desse período se situam na história da LA brasileira e na fundação da ALAB?

Marilda Cavalcanti (MC): Quando escrevi o texto (1986), fazia menos de três anos que havia entrado na Unicamp no, então, jovem Departamento de Linguística Aplicada (criado em 1982) que já tinha iniciado, em 1983, a publicação da revista Trabalhos em Linguística Aplicada. Tão logo cheguei me encontrei imersa na discussão que estava em andamento sobre a criação do curso de mestrado em LA (iniciado em 1986). (À época, no país, havia apenas um programa de pós em LA no país: o LAEL na PUC-SP, em 2020, festejando seus 50 anos. Aliás, foi nesse programa que fiz o mestrado.) Naquele momento, havia tanto dentro como fora da instituição uma pressão de pesquisadores da Linguística Teórica contra essa visão da LA de não querer ser vista como aplicação de teorias, ou seja, de se ver como um campo de ação específico. Essa pressão esteve presente também no momento de criação do curso de doutorado (1993) e, consequentemente, do Programa de Pós em LA na Unicamp alguns anos mais tarde. Nacionalmente, essa pressão repercutiu também em tentativas externas de dissuasão da criação da ALAB. Mas, finalmente, a ALAB foi criada e passou a ser afiliada da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA). E por falar em ALAB, o primeiro CBLA (Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada) foi organizado pelo Departamento de Linguística Aplicada e realizado em 1987 na Unicamp. O segundo CBLA, idem. Com o tempo ele passou a ser itinerante, como parte da programação da ALAB. O texto de 1986 é, portanto, um auto posicionamento em resposta ao momento sociohistórico vivenciado. E não foi o único, pois logo em seguida, vieram os textos de Kleiman (1991. In: COLLINS, H., org. *Intercâmbio.I InPLA*) e de Celani (1992, In: PASCHOAL, M.S.Z.; CELANI, M.A.A, orgs), ambos com o título "Afinal, o que é Linguística Aplicada?". É importante ter em mente que a metade dos anos 1980 e o início dos anos 1990 viu a chegada de uma leva de jovens pesquisadores brasileiros retornando de seus doutorados no exterior. Pesquisadores esses, jovens e idealistas, que estavam ávidos para contribuir com a área, pensando na criação de grupos de pesquisa, na participação em cursos de graduação e na criação de cursos de pós-graduação, além da apresentação de suas pesquisas em congressos, e da organização de eventos intra- e interuniversidades/grupos de pesquisa nacionais e internacionais. O ambiente era ainda de pouca pesquisa na área de LA, área essa que era mais vista como ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, com ênfase para a língua inglesa, naquele momento. O ponto de convergência desses pesquisadores, em profícua discussão com os pesquisadores mais experientes na área de LA, se deu nos congressos de LE, existentes no país, e culminou nas reuniões do GT/ANPOLL LA de Linguística Aplicada/Língua Estrangeira. É relevante apontar que havia também um outro GTANPOLL de LA que reunia somente os interessados em língua portuguesa. Mas tanto em um quanto em outro grupo, o foco era no ensino, e o grupo de pesquisadores estava interessado em incentivar a pesquisa. Concomitantemente, interessava-nos ampliar o escopo dos estudos, para além do ensino-aprendizagem de línguas de prestígio e da formação de professores. Interessava-nos também pensar a LA como foco de interface com outras áreas de conhecimentos, tanto as áreas da linguagem, mas também e, principalmente, as áreas das Ciências Sociais, da Antropologia, da História, da Geografia Humana e Social, dentre outras.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 465 – 471 | set/dez 2020

Em relação à LA em diálogo com outras áreas, participei da organização de duas coletâneas, uma com Inês Signorini (SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998): *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade* e, outra, com Angela Kleiman (KLEIMAN; CAVALCANTI, 2007): *Linguística Aplicada – suas faces e interfaces* (2007). O tema era tanto a transdisciplinaridade quanto o diálogo nas interfaces com outras áreas. A primeira coletânea focaliza diretamente questões relacionadas à transdisciplinaridade e tem contribuições de linguistas aplicados brasileiros e estrangeiros. Já a segunda, comemorativa dos 25 anos do Departamento de Linguística Aplicada da Unicamp, apresenta estudos que exemplificam as interfaces da LA. Importante acrescentar que em 1992 já havia sido publicada uma coletânea organizada por Mara Zanotto Paschoal e Antonieta Celani intitulada *Linguística Aplicada – da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*. Contudo, é a coletânea publicada por Moita Lopes em 2006 que inaugura a expressão Linguística Aplicada Indisciplinar.

TG e PS: Passados 30 anos da fundação da ALAB, que mudanças significativas podemos elencar no quadro de desafios do mundo atual que interessam (ou podem interessar) à Linguística Aplicada brasileira? Que epistemologias podem orientar a produção de respostas a esses desafios?

MC: Pergunta difícil de responder tanto no mundo em constante e incessante mobilidade e transição em que vivemos/vivíamos. É bem verdade que, graças ao avanço da tecnologia, em meio à pandemia que, de uma hora para outra, colocou a vida em suspensão, tivemos a oportunidade (mesmo que forçadamente) de construir um outro olhar para tudo. Por exemplo, apesar de todos os pesares e percalços que ainda estamos enfrentando na crise político-sanitária atual, houve essa oportunidade singular criada pela Diretoria da ALAB de entrarmos em contato via programação de *lives* com vários pesquisadores que deram uma amostra dos seus estudos na área, estudos esses que mostram a heterogeneidade de temas e a variedade de epistemologias críticas. Sem dúvida, tudo foi exacerbado em 2020: tempos de aprender com a pandemia, como diz Boaventura Santos em *A Pedagogia do Vírus* (2019). Por falar em crise sanitária, há que lembrar que a pandemia escancarou o despreparo na área de educação para o ensino remoto, incluindo-se o não-acesso do alunado vulnerável a hardware/dispositivos eletrônicos e a internet. Aliás, já se tinha conhecimento prévio desse fato antes da pandemia devido ao acesso (quando existente) limitado à banda larga em escolas públicas, apesar de terem existido programas de apoio, programas esses intermitentes, sem muito planejamento e sem continuidade, ao acesso a internet/WiFi e a dispositivos eletrônicos tanto para alunos como para o professorado. Entretanto, o que se viu durante a pandemia foram soluções criativas, não necessariamente vindo de políticas públicas, mas de organizações civis e de coletivos em comunidades, ou seja, a solidariedade como campo aberto para pesquisa no mundo distópico que vivenciamos. Creio que há uma amplitude de possibilidades, e essa que acabo de apontar é uma delas. De qualquer forma, nessa amplitude de possibilidades mencionadas, há que entender que todas as possibilidades passam pela língua(gem) em ação no campo social. E, com certeza, temos visto muita criatividade no estabelecimento de temas de pesquisa e, tenho certeza que vamos ver ainda mais. Quanto ao quadro de desafios, neste atual governo ultraliberal e negacionista, causa uma dor profunda ver o desmonte das áreas de Humanas e Sociais e também o corte de verbas para pesquisa e para bolsas de estudos. A pergunta

que fica é como vamos lidar com esse mundo cada vez mais conectado e em constante mutação, com toda a exacerbação decorrente da anormalidade que vivemos por causa da pandemia. E como meu interesse sempre recai em grupos minoritários e em grupos minoritarizados, o cenário se apresenta como ainda mais difícil. Resumindo, em relação aos desafios para a LA especificamente, há muitos no Brasil atual, mas, como disse anteriormente, tempos de crise podem e devem ser tomados como oportunidades criativas ou oportunidades que, em outros momentos, não seriam desenvolvidas ou não seriam visibilizadas. Tempo para refletir e repensar. Sobre as epistemologias que podem ser mobilizadas para enfrentar os desafios existentes, vários são os caminhos, mas, a meu ver, é preciso que sejam críticos, íntegros e éticos, e é necessário que eles reconheçam e respeitem as diferenças nas diversidades. E para isso o foco no aspecto social da linguagem, do discurso, precisa ser enfatizado. No futuro, com um olhar retrospectivo, uma historiografia da LA poderá construir algumas respostas mais abalizadas.

TG e PS: A regionalização da Linguística Aplicada na América Latina tem sido uma questão relevante para a AILA? Dada a sua experiência na vice-presidência da AILA, como você avalia essa regionalização? De que forma a LA pode expandir sua atuação na América Latina fugindo de uma perspectiva colonialista?

MC: Quando estava na diretoria da AILA, o discurso sobre a regionalização da Linguística Aplicada na América Latina era recorrente, mas não se via muito espaço ou apoio concreto para tal. Naquela época, o Brasil era o único país da América Latina com representação na AILA. Mesmo o México, que anteriormente era conhecido por ter tido uma participação ativa na associação, estava sem representação. No Brasil, Hilário Bohn, que me antecedeu na diretoria da AILA, estava muito mobilizado para essa regionalização, tendo organizado vários eventos com a participação de pesquisadores sul americanos, principalmente, aqueles próximos à linha fronteiriça sul, por exemplo, Uruguai e Argentina. Na minha universidade de afiliação, também havia alguns intercâmbios acadêmicos com a Universidad de la Republica/Montevideo e com algumas universidades argentinas. Mais esparsamente, havia contato com pesquisadores peruanos, colombianos, chilenos. Mas em todos esses casos, a LA, ela mesma, assumida como tal, não estava presente do lado latino americano. Estava na sombra de outras áreas tais como a Educação e a Linguística.

Em tempos de comunicação lenta e ainda difícil no início dos anos 2000, cheguei a fazer tentativas de contato (sem muito sucesso) com pesquisadores da América Latina para fazer um levantamento sobre a pesquisa em LA na região. Esse levantamento me interessava também para um artigo e para um verbete longo. O artigo sobre a LA no Brasil foi para a *AILA Review* (17/2004) e o verbete, para a *Encyclopedia of Language and Linguistics* (2005). Neste último, argumento que a Linguística Aplicada está na sombra, ou seja, não tem visibilidade na América do Sul.

Talvez esteja aí uma das dificuldades nas tentativas de regionalização da LA, tendo o Brasil como base. Há que se ter em mente também que há diferenças entre os países latino-americanos. O problema vem tanto do lado do Brasil como também dos países da América Latina. E esse problema passa, de um lado, pela concorrência entre as línguas portuguesa e espanhola e não pela convergência de intercompreensão entre as línguas. De outro lado, há, ainda, resquícios de uma memória histórica de um olhar

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 465 – 471 | set/dez 2020

colonialista que busca modelos acadêmicos nos Estados Unidos e na Europa, tanto por parte do Brasil como dos países de língua espanhola.

Em resumo, essa parte da integração da LA no Brasil com a América Latina sempre foi difícil e acho que a culpa é multipartida, ou talvez bipartida. Muito dessa dificuldade vem de um histórico de ausência no privilegiar um intercâmbio entre parceiros/pesquisadores da América Latina.

Entretanto, na última década e meia, é preciso ressaltar que há uma transcomunicação mais visível na área de LA na América Latina (mais na América do Sul) contemplando: (i) a formação de professores de línguas e (ii) o cenário de estudos sobre bilinguismo (com mais ênfase no bilinguismo de escolha ou de língua de prestígio). O primeiro tem edições bienais do Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas (CLAFPL) e já alcançou sua sétima edição. Antonieta Celani, Maria Cecília Magalhães, Fernanda Liberali, Telma Gimenez são alguns dos nomes muito ligados a essa iniciativa. O segundo, que não nomeia diretamente a área de LA, congrega pesquisadores falantes de português e de espanhol, é concretizado no congresso Educación Bilingüe en América Latina (BilingLatAm) que alterna seu local de realização cada vez em um país diferente, tendo já realizado pelo menos duas edições no Brasil. Uma dessas edições foi na PUCSP.

Mais recentemente, em preparação ao congresso internacional da AILA no Rio de Janeiro em 2017, Paula Szundy, co-organizadora deste dossiê, e presidente da ALAB à época, formou uma comissão específica para integrar pesquisadores do sul/da América Latina na programação do evento. Vejo essa iniciativa como uma resposta ultra relevante a programações anteriores da AILA que privilegiavam pesquisadores europeus e norte-americanos independentemente de onde o congresso internacional era realizado. Foi também mais uma tentativa de incentivar intercâmbio acadêmico entre pesquisadores da América Latina.

Contemporaneamente, certamente, deve haver outras iniciativas. Muitas vezes, porém, essas iniciativas não são divulgadas para além das universidades e dos grupos de pesquisa envolvidos. Essa regionalização, como tentei mostrar, tem sido difícil, mas não é impossível. Fica a esperança de que, tirando proveito do avanço da tecnologia, da rapidez da rede, quem sabe na pós-pandemia, possa haver um avanço nessa regionalização tão propalada através de investimento acadêmico pesado em webinários e congressos online. Algo semelhante ao que foi feito de forma pioneira na LA pela ALAB em julho deste ano (2020). É um caminho menos caro e mais inclusivo do que seminários presenciais, uma vez que envolve mais pessoas e zero viagens físicas.

TG e PS: Na condição de alguém com atuação no campo desde a fundação da ALAB em 1990, como você tem, na prática, construído a teorização de sua pesquisa de forma trans/indisciplinar?

MC: Tenho trabalhado na construção de diálogos nas interfaces trans/indisciplinares da LA há algum tempo tanto na teorização como na metodologia de pesquisa. Melhor adiantar que vejo essas interfaces tanto dentro de áreas próximas (por exemplo, os diferentes campos de ação da Linguística), como também em áreas mais distantes. O início dessa construção foi na interface com a Sociolinguística Interacional

de Gumperz. Depois disso, quando comecei a fazer pesquisa focalizando um cenário de formação de professores indígenas, a aproximação, previsível, foi com as áreas da Antropologia e da Antropologia Educacional. Nesse sentido, a pesquisa etnográfica educacional de Erickson (1986) pode ser vista como uma escolha esperada, tanto na metodologia como na análise de dados, esta última baseada na Sociolinguística Interacional. Com o passar do tempo, já tendo ampliado o cenário de pesquisa para incluir questões de educação bilíngue em contextos outros de minorias, multilinguismos e diversidades, que passearam por temas de imigração antiga no país e temas relacionados aos estudos surdos, minha reflexão já incluía uma visão do multilinguismo de cunho mais social e crítico que aparecem, por exemplo, nas discussões sociolinguísticas de Romaine, de Martin-Jones, de Heller. Essas discussões, mais tarde, desembocam na Nova Sociolinguística do Multilinguismo com Martin-Jones, Blackledge e Creese (no início da primeira década dos anos 2000). Aparecem também na coletânea (2018) – *Multilingual Brazil: Language resources, identities and ideologies in a globalized world* - que organizei com Terezinha Maher.

Ainda no contexto de minorias, o cenário da migração recente na mídia, com foco especial em haitianos, tem sido meu interesse principal de pesquisa e de textos (alguns produzidos em co-autoria com Ana Cecília Bizon) nesta segunda década dos anos 2000. E meu exercício de abertura de interfaces da LA, neste ponto, deve incluir também a Pragmática e a Antropologia da Linguagem que tem relações estreitas com denominações várias, tais como, a sociolinguística da complexidade, a sociolinguística da globalização usadas por Blommaert, Rampton, Jacquemet e outros autores.

É relevante enfatizar que uma preocupação teórica de base na minha pesquisa foi o conceito de língua que focalizei, em 2004, juntamente com América César em apresentação no Congresso Luso-Afro-Brasileiro. Mais tarde coloquei esse conceito em diálogo com Hanks (em texto no final dos anos 1990) e com Blackledge (em texto no início da segunda década dos anos 2000). Esses autores, assim como Bauman & Briggs, Blommaert, Rampton e Jacquemet questionam o conceito de língua enraizado na perspectiva estrutural da Linguística *mainstream*.

Em relação à metodologia, a entrada, como já apontei, foi via Fred Erickson, que passou uma temporada no Brasil, por iniciativa de Stella Bortoni/UnB. Também tive influência da etnografia da linguagem na reflexão de Rampton e outros autores. No desenho sempre flexível de pesquisa, estive sempre atenta às adaptações e mudanças necessárias (por exemplo, nos instrumentos de geração de registros) para conseguir "fotografar" os cenários-limite onde eu, geralmente, ao mesmo tempo trabalhava como docente e como pesquisadora. Esses cenários têm potencial desafiador no que se refere a metodologias e teorias bem estabelecidas, uma vez que tais teorias e metodologias não foram elaboradas para cenários de vulnerabilidade e de diversidades. Em capítulo publicado na coletânea seminal organizada por Moita-Lopes (2006) - *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar* -, focalizei alguns desses desafios como sendo armadilhas teóricas e metodológicas em estudos sobre grupos vulneráveis.

No que concerne ao trabalho de campo, a prática etnográfica faz de você um observador potencial em tempo integral e essa observação de base está acoplada ao constante "estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho", conforme Erickson enfatiza desde os anos 1980.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 465 – 471 | set/dez 2020

No que se refere à análise de dados e teoria embasadora, são os registros gerados que direcionam a minha utilização de uma ou outra teoria na análise. Ou melhor, a leitura exaustiva dos registros gerados no campo físico (ou virtual) é que vem a ser o ponto de partida para a(s) escolhas teóricas. Não posso deixar de acrescentar que, no meu trabalho de análise de dados, os Estudos Culturais, com Bhabha e Spivak, também deixaram sua marca.

Minha construção de diálogos trans/indisciplinares, embora passe por outras áreas é, portanto, mais calcada na Sociologia, seja na perspectiva mais ampla que abre espaço para problematizações e revisões teóricas, seja na interface com a própria Sociolinguística. Estou ciente que devo ter deixado de lado outras interfaces, outros autores que fizeram a diferença no meu fazer acadêmico, mas é o que me ocorre neste momento. A indisciplinaridade se dá, na perspectiva mais ampla da pesquisa, com a Sociologia de Boaventura de Sousa Santos e a Geografia Social de Milton Santos. Vem daí a possibilidade de problematização constante e abertura continuada no uso de teorias na análise de dados e na(s) escolha(s) metodológica(s).

TG e PS: De que forma a Linguística Aplicada tem contribuído para (re)pensar o ensino-aprendizagem e a formação de professoras/es em comunidades indígenas? Como as/os linguistas aplicadas/os podem atuar nessas comunidades em tempos de pandemia?

MC: Saí do cenário indígena no início dos anos 2000, quando houve o descontinuamento do projeto de educação onde eu atuava. Já faz, portanto, aproximadamente treze anos que saí desse campo de pesquisa. No cenário indígena, no projeto de educação da Comissão Pró-Índio do Acre onde eu atuava ainda como docente voluntária e como consultora, o que mais interessava era dar apoio à autonomia indígena, e isso incluiu a inserção, no curso de formação de professores, de uma disciplina de iniciação à pesquisa para a formação acadêmica de pesquisadores indígenas, tendo em mente o desenvolvimento da "pesquisa de dentro", termo cunhado por Tuhiwai-Smith (1999). Incluiu também discussões preliminares com a Universidade do Acre para um curso universitário voltado para indígenas. Quase todos esses professores, com quem trabalhei no final dos anos 1990, já terminaram seus cursos universitários. Alguns fizeram mestrado, pelo menos um deles fez doutorado, e alguns outros enveredaram por algum cargo no executivo ou no legislativo regional ou municipal.

Nesses grupos indígenas, há intelectuais "de dentro" que estão fazendo suas reflexões e discussões com a comunidade. Quando querem uma reflexão exógena, buscam interlocutores. Entendo que eles mesmos é que tem que construir sua caminhada. Precisam, sim, de apoio exógeno concertado da sociedade, e não só de linguistas aplicados, em momentos em que eles são desrespeitados, em momentos em que políticas públicas que os favorecem são descontinuadas, como se tem visto nesses últimos tempos. E, em relação aos tempos de pandemia, o importante é o apoio que deve vir dos linguistas aplicados, assim como da sociedade como em geral: abaixo-assinados, doações, denúncias.